

Educar em Revista



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Fonte:

<https://www.scielo.br/j/er/a/NW4H6tpQ5JHXssjY3SP6pdp/?lang=pt#>. Acesso em: 10 fev. 2022.

REFERÊNCIA

DIAS, Ângela Correia. Processos comunicacionais da cultura jovem na rede social do ciberespaço. **Educar em Revista**, n. 26, p. 131-145, 2005. DOI:

<https://doi.org/10.1590/0104-4060.388>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/NW4H6tpQ5JHXssjY3SP6pdp/?lang=pt#>. Acesso em: 10 fev. 2022.

Processos comunicacionais da cultura jovem na rede social do ciberespaço*

Young culture communication processes in cyberspace social net

Ângela Correia Dias**

RESUMO

A difusão das novas tecnologias na educação, sobretudo a Internet, vem nos forçando a revisar categorias e conceitos monolíticos e reducionistas da educação tradicional, apontando para a construção de um novo modelo que nos remeta a uma visão bem mais complexa e dinâmica dos processos comunicacionais, representada, principalmente, pela lógica hipertextual. O site *Bocada Forte*, nosso objeto de estudo, aponta para uma re-configuração da comunicação humana, baseada no diálogo e na pluralidade, em oposição à comunicação unívoca e monológica da educação tradicional - marcada pela falta de autonomia e criação.

Palavras-chave: educação, tecnologia e cultura.

ABSTRACT

The diffusion of new technologies in education, mainly, the Internet, has been drawing educators towards a review on categories and concepts, monolithic and reductionist, given by traditional education. The new approach leads to the construction of a new model in which educators reflect critically upon complex and dynamic communication processes represented, mainly, by the hypertextual logic. The site *Bocada Forte*, our

* Parte desse trabalho foi apresentada no Colóquio Internacional “Teoria Crítica e Educação”, realizado no período de 13 a 17 de setembro de 2004, Piracicaba, SP. Organização do GEP Teoria Crítica e Educação (Unimep, USFCar e Unesp - Araraquara).

** Doutora em Educação (Universidade de Londres). Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UnB.

object of study, points to a re-arrangement of human communication based on dialogue and plurality, as opposed to the univocal and monological communication of traditional education, characterized by the lack of autonomy and creativity.

Key-words: education, technology and culture.

Partindo da premissa de que os meios informáticos não têm capacidade de provocar, por si sós, novos modos de pensar e agir, o presente trabalho desloca o foco exclusivo dos meios, para privilegiar as vinculações entre a diversidade de vozes sociais, que se defrontam em diferentes manifestações culturais e sociais, tendo, como escopo, as relações entre educação, cultura e as tecnologias de comunicação e informação.

Em consonância com essa perspectiva, os indivíduos, enquanto atores sociais, dialogam e entram em conflito com as múltiplas informações provenientes das novas tecnologias, re-significando as mensagens do discurso social hegemônico, de acordo com a trajetória de sua vida pessoal, de seu universo coletivo e da posição que ocupam nas diferentes redes das práticas sociais, como partícipes dos processos de “interdependência, interferência e entrelaçamento, que ligam os homens em suas múltiplas e variadas relações” (WAIZBORT, 1999, p.105).

No entanto, como nos alerta Bakhtin “os discursos que circulam socialmente têm peso político diferenciado; e de que, no jogo dos poderes sociais, há um contínuo esforço centrípeto (monolizante) dos discursos que ambicionam se impor como um centro, buscando reduzir e submeter a heteroglossia” (FARACO, 2003, p. 23). Nesse jogo de poder, muitas vezes, o indivíduo é atropelado e aturdido “por mecanismos de dominação e de alienação, que distorcem sua compreensão da História e do próprio destino”, silenciando as várias vozes, anônimas, que têm o desejo de expressar suas idéias, pontos de vista e sua vontade de transformar a realidade.

Nessa perspectiva, nosso objetivo é examinar as “vozes discursivas” que estão difusas no universo social e cultural dos jovens, com o objetivo de analisar e explorar novas formas de construir, perceber e ler as informações disponibilizadas no mundo em que vivemos, confrontando-as e repensando essas práticas no ambiente escolar.

A idéia subjacente a essa proposta é ampliar o campo de ação da educação, refletindo sobre a diversidade de vozes inscritas dentro e fora do contexto escolar, na tentativa de apontar novas possibilidades à formação do professor na área das novas tecnologias na educação, cujas reflexões ultrapassem a visão tecnicista.

O universo empírico desta pesquisa constitui-se de elementos e fragmentos textuais captados em um site representativo do meio sociocultural dos jovens, que sinaliza características que expressam uma visão alternativa às prioridades e perspectivas hegemônicas. De modo mais explícito, o objeto desta pesquisa é a narrativa contemporânea do site www.bocadaforte.com.br, originário do movimento Hip-Hop, que mistura música (o rap) e expressão artística (o grafite), tendo como escopo uma questão político-social: a contestação do *status quo*, monolítico e excludente.

As novas tecnologias na educação

As novas tecnologias, no contexto educacional, têm se configurado como um potencializador de inovações pedagógicas, à medida que abrem espaços para transgredir e questionar ações e projetos fundados em idéias rígidas, como hierarquia, seqüencialidade e linearidade, as quais vêm sendo substituídas por outras, consideradas hipertextuais, tais como: idéias de fragmentação, heterogeneidade, interatividade e multiplicidade, pois a comunicação, mediada pela Internet e outros meios eletrônicos, lida com operações transgressoras, com outros códigos de leitura e escrituras, os quais expressam narrativas não lineares, em construções híbridas, conjugando e fundindo diferentes textos e imagens; rejeita-se, assim, os códigos de representação e da estruturação do discurso tradicional, considerado fechado, rígido e hierárquico.

Há, entre os educadores, uma forte tendência em associar essa nova forma de expressão e representação – que se configura como narrativas não-lineares e multiseqüenciais – à mídia – em especial aos documentos eletrônicos e hipertextos – e considerá-la intrínseca aos meios eletrônicos. Isso se dá em função do uso ilustrativo que as tecnologias de comunicação e informação fazem dessa nova forma de organização e produção de conhecimento; nos hipertextos, as características da interatividade, multiplicidade, heterogeneidade e descontinuidade estão evidenciadas. A ação que se propõe nos hipertextos eletrônicos é não linear, ou seja, o sujeito/leitor percorre seu próprio caminho, decide que fragmentos de texto acessar. Não há uma ordem pré-definida a seguir. Ao leitor é dado mais do que o papel de receber o texto; cabe a ele interagir com as idéias ali expressas e construir a sua significação. Co-existem, na Internet, múltiplos pontos de vista, espalhados numa rede de

conexões possíveis e, dentre estes pontos, não há nenhum deles que exerça uma posição central ou principal.

Embora tais afirmações sejam perceptíveis, esse evento, a nosso ver, não é inerente exclusivamente ao meio eletrônico; mas está diluído e vivido nas diferentes práticas culturais. Há todo um movimento criativo e construtivo, projetos e ações midiáticas ou extra-midiáticas, desencadeados pela sociedade, que parecem caminhar nesse sentido.

Por exemplo: ao mesmo tempo em que jovens, de todo Brasil, participando de um site da Internet, o “Redejovem”, se alimentam de informações, relatos de experiências, divulgação de ações e soluções encontradas para problemas e dificuldades comuns (relacionados a escolas, comunidades, saúde, esportes e relacionamentos), participam ativamente da criação, organização, realização e avaliação das atividades. Há outros projetos, realizados também por jovens, em que, mesmo não utilizando os meios informáticos, eles incluem, em suas ações, formas interativas, múltiplas e heterogêneas de se expressarem, como é o caso de estudantes de Bodozal/Manaus, de 5^a e 6^a séries, que promovem debates com a comunidade, indo de casa em casa, conversando e multiplicando informações e ações que acreditam serem necessárias no mundo contemporâneo. Nessa experiência, esses jovens buscam levar à consciência da população a importância da preservação do meio ambiente, fornecendo-lhes informações sobre como promovê-la, por meio da redução do lixo, mediante sua reutilização e/ou reciclagem.

Projetos e ações dessa natureza estão sendo realizadas por adolescentes, mas não estão sendo incorporadas na estrutura institucional de ensino, principalmente nos ambientes virtuais de aprendizagem formal. Como aponta Arlindo Machado(2002), na sua apresentação do livro *Mídia radical*, no Brasil, os estudos sobre a associação entre as práticas midiáticas e os movimentos sociais reivindicatórios ou contestadores ainda é quase inexistente. Nesse sentido, entendemos ser fundamental que se desenvolvam estudos sobre essas experiências e se verifique até que ponto essas ações estão em sintonia com uma proposta pedagógica contemporânea.

Mídia radical

Até recentemente, quando falávamos em mídia, existia uma tendência em pensarmos e discutirmos sobre os meios de comunicação de massa como rádio, televisão, cinema e imprensa, controlados por grandes conglomerados econômicos e interesses políticos, submetidos à lógica de mercado e voltados para o incentivo ao consumo. Nessa perspectiva, postula-se que os meios de comunicação dominados pelos monopólios e oligopólios utilizam mecanismos de coerção, de manipulação e persuasão, estabelecendo uma relação hierárquica, assimétrica e autoritária entre o emissor e o receptor, na qual o emissor é o sujeito ativo no processo, conduzindo, assim, o receptor, a um processo de vitimização, à medida que ele esteja sob o controle do emissor, tornando-o indiferenciado, passivo e massificado.

Fundado numa lógica fechada, linear, unívoca e centrada na transmissão, este modelo não considera, em momento algum, as relações sociais, contextuais e culturais em que os processos comunicativos se realizam, ignorando que entre os receptores há diferenças socioculturais, que ensejarão diferentes entendimentos do conteúdo transmitido. Por sua simplicidade, representada pela lógica explícita e pragmática, constitui-se num modelo comunicativo de vasta aplicabilidade e funcionalidade, que ainda exerce forte influência em várias áreas do conhecimento, tais como na biologia, na psicologia, na sociologia e na educação, entre outras. No entanto, como aponta Matuck(1995), várias proposições teóricas têm questionado essa visão monolítica da cultura de massa, rompendo com as concepções passivas e indiferenciadas da audiência, propondo uma reconsideração do papel massificado e homogeneizado reservado ao receptor. Em seu livro, *O potencial dialógico da televisão: comunicação e arte na perspectiva do receptor*, o autor afirma:

A percepção da unilateralidade do modelo, de seu reducionismo utilitarista, e inclusive de suas conseqüências éticas e políticas resultaram em críticas teóricas e reavaliações. As críticas, oriundas dos mais diversos campos do conhecimento, apontavam invariavelmente para uma mesma direção: a necessidade de reformação conceitual do modelo do processo de comunicação, visando uma valorização do polo receptor, uma maior participação do espectador-receptor no intercâmbio cultural. (MATUCK,1995, p. 27)

Ao desmistificar o processo passivo de assimilação do receptor e ao rejeitar os indivíduos/sujeitos como “meros tambores de percussão dos valores da classe dominante” (BACCEGA, 2000, p.39), vários autores lançam bases teóricas propondo que essa conceituação da comunicação e da mídia não retrata a riqueza do cotidiano que, por natureza, é bastante complexa e abrangente, envolvendo um jogo de forças e negociações entre diferentes agentes sociais, posto que telespectadores, ouvintes, internautas, leitores redimensionam e redistribuem os acontecimentos, dependendo de suas orientações sociais e políticas. Como afirma Baccega (2000, p. 51), “os receptores tornam-se coprodutores do produto cultural. São eles que o revestem de significado, possibilitam a atualização de leituras, rompem caminhos preestabelecidos, constroem trilhas que poderão desaguar em mudanças culturais”.

Nessa perspectiva, a comunicação passa a ser concebida como algo móvel, plural e em constante processo de reconfiguração; colocando em dúvida qualquer abordagem de teor universalizante e assumindo uma visão histórica e contextualizada, na tentativa de compreender as diferentes contradições presentes em diversas culturas. E quando os indivíduos/sujeitos encontram um canal para romper com a cultura do silenciamento, buscando legitimidade de saber, fazer e poder, como forma de resistir aos efeitos perversos da exclusão e do pensamento monolítico e homogêneo, podemos observar a potencialidade transformadora que têm à medida que são capazes de reverter valores e hierarquias, como demonstra o ensaísta americano John Downing, em seu livro *Mídia radical - rebeldia nas comunicações e movimentos sociais* (2002).

O termo mídia radical, “refere-se à mídia – em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes – que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas” (DOWNING, 2002, p. 21). De acordo com o autor, as mídias radicais rompem com a esfera hegemônica da indústria cultural e têm como caráter fundamental algum tipo de oposição às posições dominantes. Essas manifestações da mídia radical constituem-se de um espectro amplo e múltiplo, pulverizadas em diferentes práticas concretas e quotidianas, tais como: as canções populares, o grafite praticado pelas gangues de jovens, o vestuário – as mídias têxteis –, o rock de garagem, o teatro de rua, os avisos de pára-choques, os *cartoons* satíricos, os vídeos caseiros, as histórias em quadrinhos, foto-montagens e murais, Internet, as rádios livres e tantas outras expressões populares.

Nessa perspectiva, o conceito de meios de comunicação não se restringe ao universo do rádio, da TV, do jornal, da imprensa e do cinema, controlados pelos conglomerados econômicos e políticos. Como afirma Downing

(2002, p. 21), “a mídia radical não tem o objetivo de ser ‘mainstream’, de atingir milhões e milhões de pessoas – embora possa chegar a ser. Tem, muitas vezes, uma perspectiva local, com operações comunitárias. O que importa é que essa mídia se comunica, dispondo de exemplos mais próximos de seu grupo e fala de necessidades que nem sempre estão na agenda das grandes corporações de comunicação”.

Sendo expressões culturais populares e de oposição – marginais, autônomas ou experimentais – o que é relevante nessas manifestações é que o processo comunicacional, que dá sustentação às várias formas de expressões e produções, é dialógico, e rompe com qualquer distinção entre produtores e receptores. Uma outra característica comum aos meios radicais alternativos é a postura de resistência, que busca opor-se a qualquer atitude submissa frente às estruturas padronizadas e às convenções sociais consagradas pelo social institucionalizado, como demonstra Downing (2002, p.10):

Essas mídias fazem explodir os bloqueios oficiais à expressão pública e dão ressonância às vozes discordantes, minoritárias, subjugadas e portadoras de impulso de mudança. Sem negar aqui a importância das formas hegemônicas de mídia, pode-se afirmar que, quando vinculadas a movimentos sociais autênticos, as mídias radicais colocam em evidência o imenso potencial estético, cognitivo, comunicativo e mobilizador dos meios massivos de expressão.

Nesse sentido, assumem uma postura de oposição às regras do discurso dominante e criticam a sociedade massificada e esterilizante, que tenta camuflar os conflitos e as diferenças, com o objetivo de determinar e ordenar a atuação dos indivíduos na sociedade e favorecer a homogeneização dos costumes e do pensamento. Ao tentar opor-se ao discurso hegemônico, as mídias radicais têm dois propósitos: o primeiro, mostrar oposição à estrutura do poder institucionalizado e, o segundo, buscar apoio a essa oposição, tecendo uma rede de relações contrárias àquele poder.

No entanto, nem toda mídia alternativa tem como objetivo opor-se à hegemonia dos meios de comunicação e nem todas as manifestações têm um caráter inovador, uma atitude progressista ou de denúncia. Nesse sentido, Downing adverte que há muitas manifestações de mídia radical do tipo fundamentalista, racista ou fascista, que representam forças negativas e podem levar a sociedade a retroceder. Como ele comenta, “o conceito de mídia

alternativa não está ligado a uma ação positiva ou negativa. Mas, muitas vezes, ela pode ser uma saída importante para os que estão à margem”. Dessa perspectiva, o tema geral que o livro trata e nos incita a pensar e desejar, como diria Larrosa (2000, p.14), “é a condição de possibilidades de uma educação que, como figura de porvir, escape do sonho totalitário, seja ele conservador ou revolucionário, da fabricação do futuro através da fabricação dos indivíduos que os encarnam: de uma educação que, em suma, não seja incompatível com a abertura de um porvir novo e imprevisível”.

O site *bocada forte*

A escolha do site *Bocada Forte* deve-se ao fato de termos identificado nele um universo com múltiplas vozes - narrativas - que se cruzam o tempo todo, explorando os quatro elementos do Hip-Hop: o Rap, o MC, o Grafite e o Break, de uma maneira bastante dinâmica e criativa, ou seja, envolvendo, simultaneamente, diferentes linguagens no mesmo espaço, e, ao mesmo tempo, planejando e almejando uma ruptura social.

Elegemos a Internet como objeto empírico da pesquisa,¹ devido ao grande número de sites de Hip-Hop que vêm surgindo com a finalidade de divulgar o movimento. Basta acessar uma ferramenta de busca qualquer na Internet para percebermos milhares de páginas disponíveis sobre o assunto. O Hip-Hop não é um movimento originalmente associado à tecnologia, no entanto, observa-se que inúmeros jovens ligados a essa cultura estão utilizando recursos dos meios eletrônicos para se informar, para se comunicar, divulgar o movimento e elaborar conhecimentos. Nesse sentido, o site *Bocada Forte* facilita agregações comunitárias em torno do ideal de uma cultura/movimento alternativo; o Hip-Hop, conforme apontam Lemos e Bolle de Bal:

O desenvolvimento tecnológico, longe de ser apenas agente de separação, de alienação e de esgotamento de formas de solidariedade sociais, pode

¹ Essa pesquisa caracteriza-se por seu caráter qualitativo e exploratório, uma vez que não adotamos uma abordagem ou discurso de teor universalizante e rígido que sustentasse uma análise numérico-estatística.

servir como vetor de *reliance*, como instrumento de cooperação mútua e de solidariedades mútuas (BOLLE DE BAL apud LEMOS, 2002, p. 22).

A nosso ver, esse fato representa, apesar da imensa exclusão e desigualdade social, novas formas de relações sociais e trocas culturais que hoje atravessam a nossa sociedade, fazendo com que alguns limites e barreiras entre a cultura popular e a norma culta estejam se dissolvendo, conforme o depoimento de André Cesário, articulista do site *Bocada Forte*:²

Isso é um estereótipo que o Brasil tem: que só preto e pobre curte e faz Hip-Hop. Na real, isso parte de quem não tem informação sobre a cultura. É lógico que o Hip-Hop é uma cultura de periferia, como o samba e outros estilos que tenham o dedinho afro, né. Ou seja, tudo sai da “perifa”, mas hoje o Hip-Hop não vive só no gueto...hoje ele é uma cultura global. Se você parar para pensar, o Hip-Hop é o precursor da globalização porque para qualquer lugar do planeta que você vá, consegue identificar quem é do Hip-Hop. Os signos são os mesmos...ou seja....o Hip-Hop quebra a barreira da linguagem verbal.

Ao observarmos, por meio de entrevistas³ realizadas ao longo do trabalho de campo, a dedicação da maioria dos jovens, percebemos que, apesar das dificuldades enfrentadas, eles acreditam na força da cultura/movimento e filosofia de vida Hip-Hop em suas vidas, bem como na necessidade de divulgar essas vivências alternativas. Nesse sentido, têm sido capazes de mobilizarem diferentes parceiros que tentam romper e confrontar com o discurso hegemônico:

- Abrindo espaço a artistas/indivíduos que não têm vez na grande mídia;

² Todos os depoimentos apresentados no presente trabalho foram coletados pela mestranda Silvana Isabel Francisco Gloor Campos, em sua dissertação *Hip Hop na internet: o site Bocada Forte como espaço de construção e expressão de uma cultura jovem*, 2004.

³ Foram realizadas entrevistas individuais estruturadas e semi-estruturadas com produtores do site e alguns de seus articulistas. Para as entrevistas, foram utilizadas ferramentas como o E-mail, Messenger e ICQ, programas que permitem a comunicação *online*, via Internet.

- Oferecendo oportunidade aos internautas para socializarem suas idéias e opiniões, como comenta um integrante da equipe: “essa é uma forma das pessoas mostrarem suas idéias, que sem o site se perderiam, pois somente seriam discutidas nas rodas de amigos”;⁴
- Sobrevivendo sem patrocinadores, conforme relata um outro jovem: “prezamos pelo Hip-Hop verdadeiro, somos sinceros, pois todos ajudam no site porque gostam, já que não temos como pagar pelo trabalho de ninguém. Talvez esse seja o principal motivo para os colaboradores não abandonarem o site”;
- Produzindo, eles mesmos, o material a ser veiculado. O fato de elaborarem e desenvolverem o próprio material é um fator de orgulho para os jovens, como bem expressa um coordenador do site: “eu vejo o *Bocada Forte* como uma coisa espetacular porque é a gente mesmo que faz, não é uma pessoa que está de fora, colhe informação e coloca distorcida, entende?”.

Ao proporcionar essas aberturas, podemos dizer que o site *Bocada Forte* representa:

... um novo ambiente de *convivências*, denominado de ciberespaço,⁵ no qual relações sociais com características peculiares estão sendo construídas. (...) Dentro deste espaço de convivências, constata-se que as pessoas freqüentemente iniciam relações, formam grupamentos, criam ligações fortes em intensidade por vezes bastante significativas. A particularidade deste espaço está centrada no fato de possibilitar ao navegante a exploração de novos aspectos existenciais, cognitivos e experimentais a partir de um ambiente desterritorizado. (RIBEIRO, 2001, p.138-140)

Esse espaço, no site *Bocada Forte*, como veremos a seguir, possibilita a participação – intervenção – dos usuários/visitantes e oferece uma

⁴ Esse comentário demonstra que “as relações virtuais são estabelecidas através da interação de identidades constituídas pelos participantes com a finalidade de ampliar as experiências, promovendo um enriquecimento de sua ‘vida real’” (RIBEIRO, 2001, p. 143).

⁵ “Cyberspace – mundo virtual, onde transitam as mais diferentes formas de informação e onde as pessoas que fazem parte da sociedade da informação se relacionam virtualmente, por meios eletrônicos. Termo inventado por William Gibson no seu romance *Neuromancer*, ed. Ace, New York, 1984” (RIBEIRO, 2001, p. 138).

multiplicidade de redes articulatórias de conexões e ramificações de diversas informações, permitindo ao receptor ampla liberdade de associações e significações.

O site *Bocada Forte* segue a estrutura e organização hipertextual, à medida que rompe com o modelo de comunicação linear e seqüencial. Com essa característica, fornece acesso a uma ampla variedade de informações, organizadas de forma a promover uma navegação baseada em associações de idéias e conceitos, sob formas de *links*. Os *links*, como ressalta André Lemos, “funcionam como portas virtuais que abrem caminhos para outras informações”. Nesse sentido, “o hipertexto é uma obra com várias entradas, onde o leitor/navegador escolhe seu percurso pelos links” (LEMONS, 2002, p. 130).

Os inúmeros *links* presentes no site *Bocada Forte* abrangem os quatro macroelementos do Hip-Hop, envolvendo diferentes linguagens como a poesia, a fotografia, a pintura, o vídeo, a música, a dança, a editoração eletrônica, o jornalismo e o radialismo. Max, um dos coordenadores do *Bocada Forte*, em *release* publicado no próprio site, descreve que “a navegação é descomplicada, mostrando de forma simples e objetiva o conteúdo dos itens listados. O formato gráfico, que pode a princípio parecer meio confuso, acaba sendo super prático, pois diferencia em cores, *lay outs* e caixas, as possibilidades existentes.”

Devido às múltiplas opções oferecidas pelo site, nos restringimos a apontar alguns “nós” que poderiam ilustrar estratégias comunicativas no site, analisando-os sob o ponto de vista interativo (dialógico), conceito fundamental da nossa pesquisa.

A tela inicial do site apresenta dois principais caminhos a serem percorridos: “Informanos” e “Interatividade”. O primeiro trata de vários assuntos relativos à cultura Hip Hop, e o segundo oferece um espaço, mais amplo, para que os usuários/visitantes do site possam discutir e trocar informações sobre as diversas atividades ligadas ao movimento. Ao navegarmos pelo “Informanos” encontramos, entre outros, seis caminhos a serem percorridos: Matérias | Últimas Notícias | Colunistas | Se Liga no Som | Dicionário | Links.

Ao observarmos e analisarmos esses caminhos disponíveis podemos notar que o grau de participação e de negociação oscila. Enquanto em alguns momentos deparamo-nos com uma interatividade (espaço aberto para a dialogicidade) mais limitada e restrita, em outros encontramos mais espaço para a “co-participação”.

Com vistas a ilustrar e elucidar as duas tendências acima mencionadas, apresentaremos alguns exemplos, extraídos da seção “Informanos” do site *Bocada Forte*. Ali, encontramos espaços onde a participação do usuário/visi-

tante se restringe a acessar as informações por meio da navegação. Nesse contexto, podemos dizer que a participação do leitor/navegador se restringe à possibilidade de acesso a uma vasta rede de informações de forma não-linear e seqüencial, por exemplo, informações sobre eventos, letras de música – rap nacional e internacional – entrevistas, entre muitas outras. Entretanto, podemos encontrar, também, espaços que oferecem certas possibilidades de inter-relação; como poder contribuir com a ampliação do dicionário de gírias ou inserir fotos, vídeos, ou *graffitis* nos links “Fotos” e “Multimídia”, nas opções Break |Graffiti | Vídeo| MP3 | Mix | MC | DJ, que formam um enorme banco de sons e imagens sobre o Hip Hop.

As informações, disponibilizadas de forma hipertextual, não seguem uma ordem linear, pré-determinada, nem há centro e sim vários centros móveis, formados de uma ramificação múltipla, permitindo saltos de uma conexão a outra. Nesse sentido, os internautas podem traçar as conexões que desejarem nas páginas do *Bocada Forte*. Podem, por exemplo, começar a visitar o site pelo *link* “Rimando”, depois entrar no *link* com fotos de *graffiti* e seguir pelo *link* “Se Liga no Som”, ou fazer o sentido contrário.

Se os caminhos da seção “Informanos” limitam, em alguns momentos, a inter-relação, o caminho da “Interatividade” permite plena participação do usuário/visitante, pois apresenta um espaço aberto a discussões, participações e negociações, um contexto permeável à comunicação e a uma interatividade dialógica. Essa abertura pode ser ilustrada pelas quatro opções que podem ser percorridas: Bate Papo | Pesquisa | Ponto de Vista | Rimando.⁶ Nesses espaços os internautas da cultura/movimento Hip-Hop se encontram virtualmente, discutem e interagem; enviam para a equipe do site opiniões, comentários ou idéias sobre algum assunto relativo ao Hip-Hop, abrindo ou dando prosseguimento a algum debate, além de encontrarem um espaço para enviarem suas letras de rap.

O importante aqui é observar a posição do leitor/navegador no processo comunicacional proposto pelo site *Bocada Forte*. Primeiro, o ambiente propicia a participação-intervenção; na qual participar não é apenas responder “sim” ou “não” ou escolher uma opção previamente determinada, significa intervir na mensagem. Segundo, a comunicação possibilita interlocuções, liberdade de trocas, ações partilhadas; rompendo e subvertendo o monologismo, à medida que abre espaço para compartilhar, negociar e construir coletivamente.

⁶ “Rimando” e “Ponto de Vista” são espaços reservados ao público para enviar, respectivamente, rimas e opiniões. No último acesso feito a essas conexões, em 02/05/2004, foram encontrados 5.597 textos de rimas e 1.457 opiniões.

Em outras palavras, o site propõe um processo de comunicação cujas principais características são: “1. Um processo de troca, ação partilhada, e não apenas um processo de transmissão de mensagens; 2. Um espaço que permite a participação de interlocutores e a intervenção dos sujeitos envolvidos em processos de produção e interpretação de sentidos; 3. Um espaço aberto à discussão e à negociação; 4. Um espaço aberto à leitura e produção crítica e analítica” (CHAVES, 2003, p. 40).

Esse espaço de criação e construção torna o site *Bocada Forte* dinâmico, interessante e envolvente, além de colocar um grande desafio para os jovens internautas; ensinar a construção do entendimento do eu social – lugar, não apenas onde os sujeitos dizem, mas também assumem papéis e se constroem socialmente. Portanto, é na intersecção dessas interlocuções intersubjetivas – entre o eu e a voz do outro⁷ – que surge a dinâmica da interação e interatividade, elementos fundamentais do dialogismo.

Considerações finais

O presente trabalho parte da premissa de que na educação tradicional⁸ predomina uma prática discursiva distante e desvinculada da linguagem experimentada cotidianamente. Nesse contexto, a linguagem é entendida como um instrumento de comunicação, que funciona como transmissora de informações centrada no conceito “o professor - fala - o aluno - escuta”, impossibilitando, assim, o diálogo, a participação e a intervenção dos sujeitos cognoscentes.

Favorecendo a rigidez e a linearidade do mecanismo de transmissão, esse modelo, normalmente, não problematiza a questão da diversidade de “vozes sociais e históricas” e o confronto dos diferentes pontos de vista que permeiam a realidade cultural. Pelo contrário, enfatizam os aspectos da eficácia em transmitir mensagens, desvinculada da realidade.

⁷ Vozes que representam discursos sociais e consciências diferenciadas.

⁸ O conceito de educação tradicional que adotamos nessa pesquisa, sob a perspectiva de uma linguagem dialógica e polifônica, é o de uma educação pronta, acabada, simétrica, na qual diferentes vozes não têm a oportunidade de se manifestarem e interagirem mutuamente para, juntas, construir conhecimentos novos e intervirem de alguma forma na sociedade. Afinal, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2003, p. 47).

A difusão das novas tecnologias na educação, sobretudo da Internet, vem nos forçando a revisar categorias e conceitos monolíticos e reducionistas da educação tradicional, apontando para a construção de um novo modelo que nos remeta a uma visão bem mais complexa e dinâmica dos processos comunicacionais, representada, principalmente, pela lógica hipertextual.

Acreditamos que algumas estratégias elencadas no presente trabalho, a partir de nossas observações do site *Bocada Forte*, possam contribuir para uma nova formação dos professores, visando:

- distinguir e interpretar criticamente as linguagens produzidas por jovens, discutindo e refletindo sobre diferentes maneiras de construir e expressar conhecimentos;
- aprender a observar, ouvir e analisar diferentes tipos de linguagens, a fim de se prepararem para enfrentar desafios representados pela cultura audiovisual contemporânea e a conseqüente emergência de um novo ouvinte, leitor e observador;
- romper com o esquema transmissivo e unidirecional – estimulando a discussão, a reflexão e a cooperação, investindo, assim, na constituição das redes colaborativas de aprendizagem;
- desenvolver novas estratégias metodológicas de ações e projetos, que envolvam a informática educativa, destacando o papel fundamental da cultura nesse processo, enquanto elemento formador das identidades e representações de cada indivíduo.

Sobretudo, é importante perceber que a nova forma de organizar e produzir conhecimentos, sugerida pelo conceito de hipertextualidade, não é inerente aos meios eletrônicos, sendo uma concepção de linguagem que pode estar presente em vários veículos e também em várias ações do cotidiano, possibilitando uma aproximação de culturas. Para que essa aproximação ocorra, como mencionado anteriormente, é preciso construir uma nova forma de comunicação, mais plurívoca e dialógica, abrindo novas perspectivas para o desenvolvimento de estratégias que superem o modelo rígido e tradicional de conceber e produzir o conhecimento. Nessa perspectiva, como aponta Marco Silva (2000), “o essencial não é a tecnologia, mas um novo estilo de pedagogia sustentado por uma modalidade comunicacional que supõe interatividade” (p. 15).

REFERÊNCIAS

- BACCEGA, M. A. Crítica de televisão: aproximações. In: MARTINS, M. H. (Org.). *Outras leituras: literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura, linguagem interagente*. São Paulo: Senac, 2000.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Unicamp, 1997.
- CHAVES FILHO, H. *Educação hipertextual: por uma abordagem dialógica, polifônica e intertextual*. Brasília, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília.
- FARACO, C. *Linguagem & diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LE MOS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MACHADO, A. Prefácio. In: FURTADO, B. *Imagens eletrônicas e paisagem urbana: intervenções espaço-temporais no mundo da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- MATUCK, A. *O potencial dialógico da televisão: comunicação e arte na perspectiva do receptor*. São Paulo: Annablume, 1995.
- RIBEIRO, J. C. Um breve olhar sobre a sociabilidade no ciberespaço. In: LEMOS, A.; PALÁCIOS, M. (Orgs.). *As janelas do ciberespaço*. Lemos. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- SILVA, M. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.
- WAZBORT, L. Norbert Elias e a questão da determinação. In: *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: Edusp, 1999.

Texto recebido em 28 jan. 2005
Texto aprovado em 17 abr. 2005